

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“A mídia é um fator muito importante, e por isso a briga é tão grande, porque temos no país meios de comunicação que estão nos colocando para baixo, que estão tentando nos diminuir, enquanto a gente precisa deles para avançar.”

ANA JÚLIA RIBEIRO

A mídia quer nos colocar para baixo

*Luísa Martins Barroso Montenegro¹
Natália Oliveira Teles²
Luana Ferreira Alves³*

Ana Júlia Ribeiro é estudante secundarista de Curitiba e passou a ser o rosto do movimento estudantil após discursar em favor das ocupações na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, durante as ocupações das escolas secundaristas ocorridas no segundo semestre de 2016, contra a PEC 241. Ana Júlia, uma jovem de então 16 anos, subiu à tribuna para defender a ocupação no Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães, após o falecimento de Lucas Eduardo Araújo Mota, um estudante de 16 anos morto em uma escola ocupada em Santa Felicidade, também em Curitiba. O vídeo com o discurso dela e as respostas que deu aos deputados que tentaram silenciá-la viralizou na internet e foi reproduzido em vários veículos de comunicação nacional e internacional, como El País, CNN e BBC. A jovem foi considerada pela revista Forbes como “o rosto da juventude brasileira”.

¹ Doutoranda da linha de Políticas de Comunicação e de Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É mestra em Comunicação pela mesma instituição, com o trabalho “As representações das populações indígenas na TV Brasil nas perspectivas da pluralidade e diferença cultural” (2017). Graduiu-se em Comunicação Organizacional, também na UnB, em 2014. Foi aluna de Iniciação Científica no período de 2012 a 2013. É parte do grupo de pesquisa “Laboratório de Políticas de Comunicação – LaPCom”. Tem interesse nas áreas de radiodifusão pública, cidadania, questões de gênero e étnico-sociais. E-mail: luisambmontenegro@gmail.com

² Doutoranda da linha de Políticas de Comunicação e de Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Organizacional e estudos de pluralidade e diversidade étnico-racial. Mestre em Políticas de Comunicação e de Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Possui graduação em Comunicação Organizacional pela Universidade de Brasília. E-mail: nataliarots@gmail.com

³ Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (2008). Pós-graduada em Ecologia e Perícia Ambiental, pela Faculdade de Meio Ambiente e Tecnologias de Brasília - Famatec. Atualmente cursa graduação em Comunicação Organizacional e mestrado em Políticas de Comunicação e de Cultura, na Universidade de Brasília. Profissionalmente atua em projetos culturais, nas áreas de gestão e planejamento, produção logística e em arte-educação, em exposições de museus e galerias de arte, em Brasília-DF. E-mail: ferreiraluana44@yahoo.com.br

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

O papel dos movimentos sociais é justamente o de criticar esse modelo de sociedade em que vivemos, criticar nossa democracia e tentar transformá-la a partir do povo, fazer pressão nos governos e politizar a galera: acredito que esses são os principais papéis dos movimentos sociais. A partir desses dois papéis principais, os movimentos sociais pegam as pautas e encaminham as demandas. Se houve mudanças nos últimos tempos? Teve, sim, muita mudança, até na maneira como esses movimentos sociais estão se organizando, quais são as pautas, a forma como cada um está se construindo. A gente pode até mesmo ver a questão de horizontalidade dentro de movimentos sociais mais atuais, e isso é muito positivo.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais do meu país são muito criminalizados pela mídia – extremamente criminalizados, na realidade. Porém, há uma diferença no tratamento entre veículos de mídia alternativa e mídia tradicional. A mídia tradicional quase sempre criminaliza os movimentos sociais e faz um jogo para que a população fique contra esses atores. Um exemplo são as matérias na mídia tradicional sobre as ocupações, muitas vezes trocando a palavra “ocupações” por “invasões”. Isso transmite uma imagem criminoso desse movimento, uma impressão de que a galera que está lá ocupando está errada.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

A imprensa do meu país contribui, sim, para uma imagem estereotipada dos movimentos sociais. A mídia sempre representa as pessoas que fazem parte desses movimentos como vândalos, vagabundos, gente que não trabalha, que não estuda. Sei que são termos bem chulos, mas escuto isso bastante. A mídia tradicional constrói toda uma narrativa de criminalização dos movimentos sociais, e, a partir dessa narrativa e da forte influência da mídia, fica muito difícil quebrar estes estereótipos. Por exemplo, vou narrar a experiência das Ocupas, que é o movimento social do qual participei. Era muito difícil a gente sair do estereótipo de que somos baderneiros, uma galera que não quer estudar, não quer trabalhar, não tem o que fazer, que quer depredar o patrimônio público. Os movimentos sociais são sempre associados à depredação do patrimônio público, então, a partir do momento em que você está ocupando um patrimônio público, na luta por uma causa, você carrega todos os estereótipos com você. Quase sempre esses estereótipos se

relacionam a preconceitos direcionados a uma pessoa com pouco poder aquisitivo, ou que de alguma forma pertence a uma minoria. E, seja qual for a minoria (de raça, etnia ou orientação sexual, por exemplo), a mídia sempre adotará um discurso de que essas pessoas estão exagerando em suas lutas e demandas ou fazendo o famoso “mimimi”⁴.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Os veículos de comunicação internacionais que acompanho ajudam os movimentos sociais no Brasil, no sentido de que fazem matérias que muito mais nos apoiam do que nos associam a algum estereótipo ou nos criminaliza. Porém, não sei se no país desses veículos eles também desempenham esse papel – e, é claro, estou falando aqui de mídias internacionais que acompanho, que não são muitas e que são veículos que tendem a pensar na mesma linha que os movimentos sociais. Bem, há uma diferença muito grande entre a cobertura que a mídia nacional e a internacional dá aos movimentos sociais. A mídia nacional vai ter uma visão muito externa, vai ver o movimento apenas pelos seus aspectos externos e padronizá-lo de acordo com outros movimentos sociais. A mídia internacional, muitas vezes por não conhecer a realidade do país, quer mostrar para quem está de fora o que é esse movimento, como ele é por dentro, quais as suas pautas. Isso muitas vezes consegue trazer uma visão de dentro para fora, o que é muito positivo para os movimentos sociais.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

A importância da imprensa para os movimentos sociais é absurdamente grande, porque, na realidade, são os meios de comunicação que nos abrem as portas para expor ao resto da população as pautas do movimento, as ideias e a construção que esses movimentos vêm fazendo. A mídia é um fator muito importante, e por isso a briga é tão grande, porque temos no país meios de comunicação que estão nos colocando para baixo, que estão tentando nos diminuir, enquanto a gente precisa deles para avançar. Então, recorreremos à mídia alternativa, que tem um diálogo mais próximo da população e que assume posturas de alguém que realmente quer entender, de alguém que realmente quer transparência, que quer mostrar a verdade dentro dos diferentes movimentos, o que é muito importante. Quando a mídia se coloca em uma posição de quem

4 “Mimimi é uma expressão usada na comunicação informal para descrever ou imitar uma pessoa que reclama. O mimimi tem uma conotação pejorativa, sendo muitas vezes utilizado para satirizar alguém que passa a vida reclamando”. Fonte: <https://www.significados.com.br/mimimi/>.

realmente quer mostrar a verdade – não por um interesse econômico, mas sim pelo simples prazer em noticiar, de levar a comunicação, a notícia até o outro –, ela colabora muito para que os movimentos sociais populares consigam dialogar com esses veículos e transparecer o máximo de coisas que puderem.

Considerações finais

Eu achei essas perguntas incríveis, porque não tinha falado muito sobre o assunto da criminalização dos movimentos sociais pela mídia e nem tinha tido outro espaço para falar sobre mídia, comunicação e estereótipo. Sempre respondi a uma pergunta ou outra sobre o assunto, mas nunca em um espaço que realmente me levasse a pensar sobre isso de maneira um pouco mais profunda e fazendo essa análise conjunta de, por exemplo, cobertura nacional e internacional. Muito obrigada!

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

